

## Rogério Ferrari, guerrilheiro de imagens

Paulo Andrade Magalhães

(Especialista em Ciência Política, advogado-militante do MST-BA e professor de História do Direito da Faculdade da Cidade, em Salvador)

*“A minha loucura é a minha consciência e a minha consciência está aqui.*

*No momento da verdade, na hora da decisão, na luta, mesmo na certeza da morte!”*

(Paulo Martins, personagem do filme “Terra em Transe”, de Glauber Rocha)

“Sou sertanejo, sou nordestino, sou sem teto, sem terra, sou vaga-lume na cidade grande, sou adolescente nas minas de carvão; sou África, Ásia e América Latina”. É desta forma que Rogério Ferrari, considerado um dos mais interessantes fotógrafos engajados da atualidade, expressa a sua arte há quase duas décadas, documentando conflitos, culturas e as lutas concretas dos povos e dos movimentos sociais de várias partes do mundo. Nessa longa trajetória de registro de imagens, com a sua analógica Nikon F4, o artista autodidata, nascido em meados dos anos 60 na cidade baiana de Ipiaú, não pára de percorrer estradas, abrir caminhos e semear idéias. Publica livros e artigos, realiza palestras, oficinas e exposições como as que ocorreram recentemente em Paris sobre a opressão ao povo curdo na Turquia, que vislumbra a criação do seu território, referido como Curdistão, e sobre o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, na Bahia, do qual foi ativista enfrentando as forças da ordem num período de intensa agitação social.

Guevarista e glauberiano, vivendo em função da luta revolucionária, retrata a realidade dos envolvidos na perspectiva deles, sem retoques, maquiagens ou panfletagens, construindo um valioso acervo antropológico. Dentre as suas pesquisas anti-acadêmicas e de diversidade étnica e cultural, destacam-se, além das já mencionadas, a do movimento das Mães da Praça de Maio, na Argentina, em 1984; a Revolução Sandinista, na Nicarágua, em 1987; a queda do Muro de Berlim, na Alemanha, em 1989; a “Revolução de Veludo”, em Praga, Tchecoslováquia; a intervenção das Forças Armadas no Rio de Janeiro; a Crise dos Balseiros em Cuba, em 1994; o movimento de resistência indígena em Chiapas, alinhado ao Exército Zapatista de Libertação Nacional, no México em 1995/97; as Mulheres Maias, no México e na Guatemala, em 1997; a situação dos Palestinos nos territórios ocupados, em 2001; os mineiros da Bolívia; os campos de refugiados palestinos no Líbano e na Jordânia, em 2008; a resistência do povo do Saara Ocidental, nos campos de refugiados na Argélia e nos territórios ocupados pelo Marrocos, em 2008; as feiras e ruínas das cidades maias e incas, no México, Guatemala, Equador e Peru; e os carnavais de Veneza, de Salvador e de Santiago de Cuba.

Para Ferrari, mais do que sofisticados equipamentos digitais, tão em voga, o que, sobretudo importa é o envolvimento do olhar, o sentimento, a atitude politizada, a percepção da vida cotidiana e a capacidade de intervenção social. Ressalta a importância de se conjugar a ética com a estética, rejeitando veementemente os “fotógrafos de guerra”, que

buscam o “espetáculo” das tragédias para satisfazer os interesses da indústria sensacionalista, mistificadora de meios e fins. Tem a compreensão de que o ato fotográfico não é simplesmente ver pelo visor e clicar, mas entregar-se absolutamente ao momento do registro e inserir-se no processo em que atua a fim de que não haja um fosso entre o fotógrafo e o objeto. Semelhante à turma do Cinema Novo, que viu o cinema como prática política, Ferrari encara a fotografia como prática-militante, um instrumento de denúncia e a sua forma de se posicionar diante do mundo, firmando um contradiscurso para desmistificar a barbárie capitalista que condena pessoas à situação de privação absoluta. “Que a arte assuma o lugar que lhe corresponde, para aquecer a rebeldia”, diz, pois acredita que as imagens real-perturbadoras suscitam a reflexão e o debate, uma tomada de consciência/posição diante dos fatos, manipulados, estigmatizados e espetacularizados pela força da mídia, “a conspiração do silêncio”, segundo ele.

Sob o argumento de que a fotografia tem a mesma eficácia ou até mais do que certos estudos antropológicos textuais, chama atenção para o fato de que o grande desafio é justamente estabelecer uma ponte entre o discurso e a prática e que “o impulso deve ser para reinventar a vida, redescobrir-nos, e juntar as desesperanças e minorias para fazer-nos grandes”. Adverte-nos, entretanto, para reagirmos, não deixando que nos roubem a dignidade e a esperança, pois se manter passivo, conservando a estrutura vigente de poder, “significa morrer cotidianamente”. As suas críticas, centradas na temática da democracia burguesa teorizada pelos iluministas, apregoam a desobediência civil contra a lógica autocrática de poder do capital, pois somente “a rebeldia pode apontar algo novo e melhor, desde um acampamento dos Sem Terra, desde as comunidades Zapatistas no sul do México, dos Davis Palestinos combatendo com pedras os fuzis israelenses na Faixa de Gaza, desde qualquer lugar, vale a pena lutar, pois só a revolta é criadora de luz e essa luz insinua três caminhos: a poesia, a liberdade e o amor.” (FERRARI, 2000, p.2)

O polemista fotógrafo, que liderou greve dos jornalistas, em Salvador, e uma geração de jovens na Rádio Comunitária, em Ipiaú, gerando um movimento político-cultural com uma utopia libertária e original, cursou Ciências Sociais na UFBA, dedicando-se à antropologia visual. Desde menino já era um inquieto agitador, escrevendo para o jornal “Rapatição” e “invadindo” a sessão da Câmara a fim de que os vereadores tombassem a fachada do antigo cinema da sua cidade, ameaçado de demolição. Quadro ascendente do Partido Comunista Brasileiro na Bahia dos anos 80, foi completar a sua formação na Alemanha Oriental, quando assistiu e registrou a queda do Muro de Berlim. No governo Sandinista da Nicarágua serviu ao país como voluntário, colhendo café. Solidarizou-se também com o povo cubano na colheita da cana-de-açúcar. No México, militou na educação com as comunidades indígenas zapatistas, nas montanhas do estado pobre de Chiapas, quando conheceu o enigmático sub-comandante Marcos, que se deixou ser fotografado por ele. Acabou virando protagonista de uma reportagem da TV Bandeirantes, que o anunciou como o único brasileiro presente no local do conflito. Expulso do país, resolveu aprofundar-se na problemática social, econômica, política e cultural latino-americana, com sua diversidade de povos originários, massacrados por genocídios, espoliados e com nexos que os unem. Assim, de motocicleta, percorreu a Guatemala, El Salvador, Nicarágua, Venezuela, Equador,

Colômbia, Peru, Bolívia, Chile e Argentina. Salienta que o convívio com as culturas dos dominados reeducou-o para um novo olhar e prática política. Tece críticas aos partidos com métodos de ação esgotados, à esquerda rendida, que abriu mão do socialismo como horizonte teórico e político, e enaltece o Exército Zapatista de Libertação Nacional, “que não posterga para o futuro o companheirismo e a sinceridade necessária para vivermos sob valores de justiça e igualdade”. Para Ferrari “o rigor ético implica em não ceder diante das contingências da política”. (FERRARI, 2006, pp.20-23)

Retornando ao Brasil, deu continuidade à sua militância social no MST-BA, quando passou a desenvolver trabalhos de base e proferir palestras. Participou também de ocupações e de despejos, em que o aparato repressivo do Estado combate os sem terra, desprovidos de condições de sobrevivência, como estes fossem bandidos ou inimigos de guerra. Na perspectiva de fornecer suporte para os movimentos em luta, produziu o vídeo-documentário “Terra e Liberdade”, a fim de aquecer as mobilizações do MST na cidade de Itagibá, durante a prisão de seus integrantes. Fundou ainda a revista “Atitude”, do qual foi redator e editor, conquistando uma legião de leitores, já que fugia das banalidades, do mercantilismo, do pensamento simplista e maniqueísta. Propunha converter o debate teórico na prática, estimulando novas possibilidades estéticas e a elevação do nível de consciência das pessoas.

Com a dissolução de “Atitude”, cuja trilogia traçou um painel para a compreensão do subdesenvolvimento latino-americano, retornou à sua vida de itinerante embrenhando-se nos territórios de conflitos na Palestina, ocupados por Israel. Lá constatou a lógica do 4º exército do mundo massacrando o povo palestino destituído de direitos (sem pátria e exército), espalhado em campos de refugiados sem infra-estrutura, escolas e hospitais, numa situação humilhante. Por quatro meses residiu em casas de famílias em Ramalah, Rafah, Jerusalém, Cisjordânia e Gaza, em quartos minúsculos com teto de zinco, sem esgoto e água potável, passando pelas mesmas privações que os moradores. Conviveu diariamente com inúmeros assassinatos praticados à luz do dia contra a população palestina, prisões, torturas e demolição de casas, crianças mutiladas ou sendo executadas com tiros certos na cabeça pelos soldados israelenses, por protestarem atirando pedras. Em contraposição a esta opressão, assistiu jovens oferecerem suas vidas em ações de martírio, como afirmação de dignidade. Frequentou muitos funerais, solidarizando-se com o sofrimento das famílias; encontrou-se com o líder da OLP, Yasser Arafat e entrevistou o líder espiritual do grupo islâmico Hamas, xeque Ahmed Yassin. O mais importante, porém, foi ter produzido a radiografia de um povo que “não tem outra escolha a não ser resistir”, conforme as palavras de Mahmoud Darwish, e cujas imagens registradas se transformaram num valioso documento histórico intitulado de “A Eloquência do Sangue”, livro lançado no Brasil e no exterior, acompanhado de debates. “Com a câmara e o coração na mão, pude conviver, sentir, me unir e dividir a dor e a esperança com os palestinos”, assinala o autor.

De fato, este mesmo sentimento foi compartilhado com o povo curdo, na Turquia, que também mantém uma identidade e luta pelo direito de existir, de obter a sua pátria. Por um bom período Ferrari permaneceu na cidade Diyarbakir (ou Amed, na língua curda) levantando dados, colhendo depoimentos das famílias dos refugiados, dos prisioneiros ou

guerrilheiros, registrando imagens, muitas vezes com a precariedade da luz do candeeiro ou das frestas das janelas, a fim de não levantar suspeitas e comprometer os curdos, permanentemente vigiados pela repressão turca. Basta dizer que numa década, cerca de quatro mil vilarejos curdos foram destruídos com milhares de pessoas mortas, existindo atualmente mais de 12 mil curdos encarcerados. Enfrentando também a avassaladora ofensiva do governo de Marrocos que impede que o mundo saiba da situação do povo sahuri, do Saara Ocidental, com o seu território invadido e dispersos há mais de três décadas em campos de refugiados, Ferrari viajou para este país a fim de completar o trabalho iniciado nos campos de refugiados, no Saara Argelino, cujos ativistas organizados na Frente Popular para a Libertação de Saguia el Hamra e Rio de Oro ("Frente Polisário"), lutam pela independência do Saara Ocidental (sob o domínio marroquino), e o reconhecimento da República Árabe Sahauri Democrática.

Inconformado com a exploração de classe e a subjugação dos povos, Ferrari exalta a possibilidade da criação de uma revista sul-americana e rejeita propostas de empregos institucionais, para fazer da sua atividade uma trincheira de luta, uma guerrilha visual, "uma atitude explodindo numa ação comum, como sujeitos do nosso destino", ressalta. Há de se observar, contudo, que a vida para este "Corisco" (anti-dogmático e que se expressa na sua práxis) não tem fronteiras, é uma grande aventura, e só faz sentido se for para lutar pelo socialismo: "Quem disse que tudo está perdido quando a coragem recusa a humilhação; quem disse que depois de tudo, de fracassos e resistências, o sonho e o desejo seriam só duas palavras sem barcos, sem mar, sem paixões e desespero?". A propósito, seus passos são norteados pela formulação de Che de que "a vitória nossa ou a derrota de qualquer nação do mundo é derrota de todos".

#### Referências bibliográficas

FERRARI, Rogério. O círculo mágico é a janela aberta. In *Revista Atitude*, dez/2000, p.2.

\_\_\_\_\_. *A eloqüência do sangue*. Edição e produção do autor, Salvador, 2004.

\_\_\_\_\_. *Curdos uma nação esquecida*. Edição e produção do autor. Salvador, 2007.

\_\_\_\_\_. *Zapatistas – a velocidade do sonho*. Em parceria com ORTIZ, Pedro e BRIGE, Marco. Brasília, Entrelivros, Thesaurus, 2006.

\_\_\_\_\_. *Palestine*. Edição Passager Cladestin. França, 2008